

Recensão crítica do livro

Des bons voisins. Enquête dans un quartier de la bourgeoisie progressiste

Tiago Castro Lemos¹

Sylvie Tissot, socióloga, atualmente professora de ciências políticas na Universidade Saint-Denis/Paris 8 e membro do CSU-CRESPPA, tem consagrado uma extensa parte do seu trabalho ao estudo das dimensões sociais, económicas e políticas que estão na origem dos processos de construção do território, dando, neste campo de análise, um ênfase particular aos engajamentos militantes e reformistas de determinados agentes (cf. Tissot *et al*, 2005; Tissot, 2007; Tissot, 2010).

Depois de em 2007 ter publicado, em *L'État et les quartiers. Genèse d'une catégorie d'action politique*, um estudo sobre a génese e a mobilização política da categoria 'quartiers sensibles' nas *banlieues* francesas, Sylvie Tissot nesta nova obra empenha-se, novamente, na problemática da invenção de “novas maneiras de gerir zonas pobres” (p. 48). Em *Des bons voisins*, um trabalho realizado entre 2004 e 2010 que teve como palco a zona do South End (SE) em Boston, no Estado do Massachusetts, nos EUA, a autora vai mostrar de que forma um conjunto específico de agentes se mobilizou para transformar uma ‘zona mal afamada’ (*skid row*) habitada por imigrantes, associada à prostituição, ao alcoolismo e à homossexualidade, num espaço residencial das *upper middle classes*. Sobretudo através de um denso trabalho etnográfico, Tissot, seguindo a linha de trabalho das investigações associadas à

¹Bolseiro de Doutoramento da FCT. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) (Porto, Portugal) e École des hautes études en sciences sociales (EHESS) Paris – Centre Maurice Halbwachs (CMH) (Paris, França). *E-mail*: tcastrolemos@gmail.com

gentrification, apresenta um detalhado retrato sobre a ambivalência, a incoerência, a contradição, a violência e, ao mesmo tempo, a eficácia social da *mixité sociale* enquanto *ethos* celebrada pelas classes médias superiores, neste trabalho denominadas como ‘progressistas’.

Após um conjunto de conversações preliminares com informantes privilegiados (*alliés*) e de, junto destes, ter recolhido um conjunto de informações cruciais para o desenvolvimento e orientação da pesquisa, Tissot enforma o objetivo principal desta investigação que, nas suas palavras, corresponde ao estudo da “institucionalização da democracia local e da *mixité social*, que vêm substituir a remodelação voluntarista dos espaços, e a preeminência tomada, na hierarquia dos espaços desejáveis, pelos alojamentos antigos do centro da cidade em detrimento da arquitetura moderna das *cités*” (p. 55) Neste livro de cerca de 320 páginas, a autora vai apresentar os resultados deste trabalho através de um interessante exercício macro/micro, onde a cada manifestação estrutural apreendida é-lhe associada um caso/sujeito particular tido como exemplar.

Início dos anos 60: os EUA vivem um momento de intensa revolta onde as minorias étnicas e sexuais reivindicam o fim da exclusão social de que são alvo. Boston, e em particular o SE não são exceção: aliás, se nesta época no SE encontravam-se só 5% da população da cidade, era, também, do SE que advinham os 95% dos problemas dela (p. 59). Aqui os habitantes, sobretudo os negros, num ambiente amplamente marcado pelo militantismo e pelo associativismo, lutam por melhores condições de habitação. Igualmente nos anos 60: começam a chegar ao SE alguns indivíduos da classe média que, a baixo custo, adquirem *brownstones* (casas de estilo arquitetónico ‘Vitoriano’ ocupadas pela burguesia no século XIX, e posteriormente ocupadas, na sua maioria, por imigrantes e por classes populares. Simultaneamente, é proposto pelo Estado um conjunto de programas que defendem extensas reformas urbanas para Boston. Estavam lançadas as condições necessárias para se produzirem um conjunto de mudanças no espaço físico e no espaço social do SE.

Nos anos que se sucedem, o SE continua a contar com a chegada da classe média, ao mesmo tempo que se constroem torres de alojamento social que vão albergar grande parte da população que, até aí, reivindicava por melhores condições de habitação. O SE vai-se valorizando e cada vez se torna mais evidente o potencial deste espaço. Neste momento foi de extrema importância o papel dos ‘pioneiros’, habitantes

intensamente interessados e influentes no processo de *gentrification* do SE; indivíduos aos quais se juntam uma série de associações locais (*associations de quartier*) que vão, igualmente, defender políticas de reformistas que tomam o SE como alvo. De entre estas associações, S. Tissot analisa atentamente a *Sociedade histórica*, uma associação que conta, sobretudo, com elementos de classes médias superiores, conservadoras, contra o pluralismo cultural, abertamente associadas ao setor imobiliário, que lutam pela valorização social e simbólica do SE através da patrimonialização da arquitetura ‘vitoriana’. O enaltecimento das virtudes do período Vitoriano, a importância conferida à arquitetura das *brownstones* como marca de uma presença burguesa passada que pode ser recuperada através de uma homogeneização social da zona; tudo isto veiculado junto de instâncias políticas e através do *Tour*, um passeio cuidadosamente organizado pelo SE para dar a conhecer aquilo que é um território burguês em potência.

Se, durante os anos 70 e 80, o papel da Sociedade histórica foi central na valorização do SE e na atração da *upper middle class*, a partir dos anos 90 ocorrem profundas mudanças no campo associativo, concomitantes às mudanças sociais e políticas que tiveram lugar nos EUA, que representam uma decisiva mudança de discurso em relação à valorização do SE, em particular no que diz respeito à coabitação de diferentes grupos. Neste momento, o SE conta com um elevado número de *condominiums*, o que significa um estado de gentrificação relativamente avançado e, em simultâneo, a emergência de um novo grupo que domina a cena associativa e que defende a *mixité sociale*: a ‘burguesia progressista’. A adoção deste novo discurso que vai marcar a ‘identidade’ territorial e social do SE ocupou o lugar do discurso conservador da Sociedade histórica que reivindicava a especificidade do SE pela sua arquitetura. Porém este facto não significou o desaparecimento do discurso conservador, mas a sua substituição - um exemplo assinável encontra-se nas diferentes tomadas de posições em relação à ‘*mixité sociale*’ no momento da construção do ‘Pine Inn Street’, um albergue para sem-abrigo.

A leitura deste trabalho de Sylvie Tissot pode-se tornar aliciente quando, com o apoio do expressionismo tão caro à etnografia, somos levados a refletir sobre um facto surpreendente: a passagem de uma ética conservadora para uma ética liberal não representar, em nenhum momento, a passagem de um estado de desigualdade para um estado de mais equidade social. O discurso da *mixité sociale*, progressista, tutor da abertura, da diversidade, da tolerância, é um poderoso eufemismo, que torna a

desigualdade, o fechamento, a produção da diferença e a intolerância como algo tolerável. E esta tolerância, como mostra Tissot, é conseguida através da imposição e generalização uma *ethos* particular a um grupo social, como ética legítima, quer dizer, universal, comum a todos aqueles que a partilham e, mais surpreendente ainda, a todos aqueles que não a podem partilhar, porque não têm recursos, mas têm de viver nela.

Num registo que recupera e associa um conjunto de temáticas já exploradas pela sociologia, como a construção de uma moral particular às classes médias superiores (Lamont, 1992), o fechamento social e territorial particular às classes burguesas (Pinçon e Pinçon-Charlot, 1989), o reformismo como mecanismo de invenção de problemas sociais (Topalov, 1999), a demissão do Estado (social) e a violência social sobre as classes mais pauperizadas (Wacquant, 2005), a *distinção* como fundamento da reprodução social (Bourdieu, 1979), Tissot recolhe um conjunto de dados que permitem recuperar o processo de construção e de instituição de um sistema de vigilância através da construção e da instituição de relações amigáveis, colocando-se a questão da *mixité sociale* nos termos do “interesse pelo desinteresse”. Este complexo processo conta com o importante papel das associações locais, que possuindo grande parte do monopólio do controlo social e simbólico sobre o SE, têm um importante papel na dominação das relações sociais, políticas e económicas que aqui têm lugar.

Então, objetivamente, como viver e instituir esta *mixité sociale*? Antes de tudo, para se viver nela/dela são necessárias duas atitudes centrais e inseparáveis: incorporar, enquanto disposição, os mecanismos de tolerância com o ‘outro’ e (de)limitar constantemente quem é o ‘outro’, a saber, quem ameaça a ordem das ‘coisas’.

O processo de exclusão, simultaneamente social e espacial, de quem é indesejável opera-se sob diferentes formas. Quanto às classes populares, aos imigrantes, às minorias étnicas, sobretudo aos negros, o distanciamento opera-se, desde logo, a partir dos preços dos *condominiums* que tornam a acessibilidade duradoura aos espaços impossível. Depois, surge um vasto leque de ações que têm como objetivo a redução dos efeitos, potencialmente nefastos, da sua presença: o controlo dos parques por parte das associações, o que implica uma minuciosa regulamentação sobre condições de frequência; o fechamento sucessivo de bares e comércio frequentado pelas classes mais desfavorecidas, construindo nesses locais comércio, restaurantes e bares só acessíveis a classes economicamente favorecidas; a proibição de fumar e de beber na rua, em certas circunstâncias. Em resumo, o espaço público é lentamente conquistado pela *upper*

middle classe de forma legítima (capítulo 5). Não terminando aqui o círculo, provavelmente sob o risco de revolta daqueles que estão sujeitos à exclusão, a ‘burguesia progressista’ põe em prática o que de moralmente melhor pode dar: o *filantropismo*, quer dizer, uma compreensão, uma sensibilidade, uma preocupação partilhada com os problemas que afetam os mais desfavorecidos, como, em particular, o racismo.

O filantropismo, esse “interesse no desinteresse”, também passa por questões sexuais, como a *gay friendliness*. Como mostra Tissot, apesar de a família heterossexual continuar a ser o referencial dominante, os homossexuais são acolhidos com o fervor particular dos defensores da *mixité sociale*. Porém, esta *gay friendliness* tem de obedecer aos rituais da heterossexualidade (como, por exemplo, nos bailes das associações locais, os *gays* vão, usualmente, acompanhados por uma amiga lésbica) ou, pelo menos, convém que tudo pareça heterossexual a nível da forma: são bem-vindos casais homossexuais casados com filhos adotados. E a heterossexualidade deve dominar em aparência, já que o *flirt*, os encontros, entre homossexuais estão espacialmente definidos: o parque de passeio dos cães, de preferência. E a *gay friendliness*, esta forma *friendly* de manter sob vigilância tudo aquilo que é *gay*, existe sob a condição regulamentar de que quem é *gay* tem de pertencer à *upper middle class*.

Mas as marcas exteriores que permitem a distinção, condição básica para poder haver *mixité*, não se limitam ao facto de se habitar num *condominium*, frequentarem-se os bares da moda ou os restaurantes de cozinha de fusão. E, aqui, Sylvie Tissot introduz um elemento de análise original e não menos pertinente: o cão, animal doméstico que, como observa a autora, não pode ser de uma qualquer raça e não pode ser, *de certeza*, da raça dos cães que estão associados às *Cités*, geralmente violentos. A *hexis* do cão é também um modo de distinção do dono: na altura do passeio pelo parque exclusivamente preparado para este fim, os donos comentam os comportamentos dos cães uns dos outros, avaliando assim a educação do cão, que deve ser fonte de investimento por parte do dono. E, a partir deste apêndice animal distintivo constrói-se toda uma economia de serviços e comércio que permite manter o cão na sua melhor vitalidade, o que se ‘repercutirá’ na imagem que os outros terão do dono.

Deste trabalho podem-se retirar alguns dos possíveis mecanismos de gestão e de construção da ‘ideia’ de *mixité sociale*: controlo social e investimento simbólico, distinção e *friendliness*. Uma verdadeira *ethos*, obrigatória a todos aqueles que querem

partilhar a experiência de viver no South End; saber viver na mistura sem se misturar: “a gestão da diversidade não se reduz ao controlo de habitantes ‘indesejáveis’; ela tem como objetivo fazer com que os novos habitantes aceitem a presença de ‘outros’” (p. 135). E isto requer uma aprendizagem, que só podemos entender enquanto processo de socialização que tem como objetivo último criar “*des bons voisins*”. Pertencer a uma associação, participar num baile, num convívio no parque, numa *fundraising*, tudo rituais que mais não são do que atos de instituição (Bourdieu, 1982), que têm como objetivo, mais do que marcar a diferença entre aqueles que moram no SoWa (zona artística, alvo de uma ampla gentrificação, dando lugar a galerias, comércio e algumas habitações) e aqueles que moram na zona do Union Park, marcar a diferença entre aqueles que não podem viver no SE daqueles que lá vivem.

Um texto a explorar detalhadamente, porque em cada problemática que levanta se encontram argumentos para denunciar a inércia incorporada pelas estruturas sociais, que não são mais do que estruturas arbitrárias de representação do mundo social, e que são cuidadosamente (re)produzidas pelos grupos socialmente dominantes e autorizadas a existir pelos grupos socialmente dominados, que se apresentam sobre a forma de uma *ethos ‘progressiste’*, quer dizer, liberal no sentido social. Mas, se, tal como fez S. Tissot em *Des bons voisins*, se submeterem à análise científica estas estruturas, que sustentam a ‘ideia’ de *mixité sociale*, facilmente se rompe com a sua aparência e traz-se à luz formas altamente dissimuladas de sexismo, de racismo, de conservadorismo em sentido político, de neo-liberalismo em sentido económico, que vão prevalecendo sob a forma de “folclorização da miséria” (p. 217). E porque não é possível uma anulação radical da conflitualidade de pontos de vista entre os investigadores e a sua população, Sylvie Tissot, logo no capítulo I, faz o balanço de como não são eticamente lineares as relações sociais que ocorrem no curso da investigação.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1979), *La distinction*, Paris, Éditions du Seuil.
– (1982), “Les rites comme actes d’institution”, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 43, 58-63.

LAMONT, Michèle (1992), *Money, Morals and Manners. The culture of the French and American upper-middle class*, Chicago, University of Chicago Press.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique (1989), *Dans les beaux quartiers*, Paris, Éditions du Seuil.

TISSOT, Sylvie (2007), *L'État et les quartiers. Genèse d'une catégorie d'action politique*, Paris, Éditions du Seuil.

– (2010), “Quand la mixité sociale mobilise des gentrificateurs. Enquête sur un mot d'ordre militant à Boston”, in *Espaces et Sociétés*, n° 140-141, 127-142.

– (2011), *Des bons voisins. Enquête dans un quartier de la bourgeoisie progressiste*, Paris, Éditions Raisons d'agir.

TISSOT, Sylvie [et al.] (2005), *Reconversions militantes*, Limoges, Polim.

TOPALOV, Christian (dir.) (1999), *Laboratoires du nouveau siècle. La nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France, 1880-1914*, Paris, Éditions de l'EHESS.

WACQUANT, Loic (2005), *Punir les Pauvres*, Paris, Éditions Agone.

